

## MARXISMO E CRISTIANISMO

CLAUDE TRESMONTANT

*Têm os cristãos algo a aprender do marxismo? Para responder a esta pergunta, o autor distingue o marxismo enquanto doutrina econômica, enquanto filosofia total do homem e do mundo, enquanto filosofia da natureza e da história, enfim enquanto humanismo. O cristão pode e deve aprender o que é verdadeiro, de onde quer que êle venha, porque em última análise só pode vir da Verdade. O autor submete, pois, a uma análise crítica os diversos aspectos doutrinários do marxismo. O humanismo marxista é inaceitável por um cristão, pelo seu caráter imanentista e milenarista, mas encerra temas autenticamente cristãos. Não terá sido MARX anticristão porque o cristianismo que êle conheceu era, sob muitos aspectos, uma caricatura do cristianismo?*

*O artigo é um admirável requisitório da consciência cristã autêntica. Será atacado e explorado por cristãos e por marxistas. Na pureza de sua autenticidade, o autor, que não se julga incumbido de fazer o requisitório da consciência marxista, prescinde do fato de que nos países subdesenvolvidos os maiores e secretos aliados dos cristãos reacionários são os marxistas oportunistas. Cristãos e marxistas inautênticos. Não é a êles que êste artigo é endereçado.*

**P**ROPONHO-ME, neste artigo, a responder às três questões seguintes:

1. Têm os cristãos alguma coisa a aprender ou a reaprender do socialismo e do marxismo? Que podem os cristãos aprender do socialismo e do marxismo?

2. Como explicar que, nas exigências dos marxistas, que são ateus, o espírito profundo do cristianismo apareça de modo mais nítido que na política retrógrada e ineficaz de muitos católicos?

3. A fidelidade ao espírito profundo do cristianismo obriga, hoje em dia, o católico de um país subdesenvolvido a uma luta sem trégua contra os aproveitadores do subdesenvolvimento e da miséria do povo?

\* \* \*

Procurarei responder a essas questões. Evidentemente, defenderei pontos-de-vista pessoais, que só me comprometem pessoalmente, sujeitos a críticas e discussão.

Realmente, os cristãos têm algumas coisas a aprender do marxismo e do socialismo. Aliás, os cristãos devem estar informados sobre tudo que se realiza na humanidade. O cristianismo não pode prescindir da pesquisa, e a pesquisa feita por não-cristãos pode chegar a verdades que os cristãos têm o dever de assimilar.

Examinemos o caso do marxismo.

Convém distinguirmos, no marxismo, vários aspetos, várias etapas, vários níveis.

O marxismo é uma doutrina econômica sobre a qual não temos que nos pronunciar. Compete ao especialista das ciências econômicas pronunciar-se sobre o que ainda é válido nas teorias de MARX e ENGELS, o que já foi verificado, o que os fatos provaram estar errado e o que já caducou. Se existem verdades nas doutrinas econômicas marxistas, os cristãos, evidentemente, devem aproveitá-las. Porque a êles pertence a Verdade, e tudo que é verdadeiro deve ser por êles acolhido.

O marxismo é também uma filosofia total do homem e do mundo. É uma metafísica, apesar dos marxistas professarem horror à metafísica. Examinando os textos de MARX e ENGELS, descobre-se toda uma ontologia que se encontra à base do marxismo. MARX e ENGELS professam que o mundo é incriado, eterno, autocriador, infinito; que a matéria, por sua vez incriada, é a criadora de tudo que surgirá no correr dos tempos: a vida e a consciência; que o

universo renova eternamente os ciclos de criação e degradação, porque não poderá acabar.

Estas teses foram explicitamente expostas por MARX e ENGELS na *Nationaloekonomie und Philosophie* e na *Dialectique de la Nature*.

O marxismo é uma filosofia da natureza. O cristianismo comporta também uma filosofia da natureza. Mas os princípios metafísicos são distintos. Para MARX e ENGELS, a natureza é o absoluto, *natura, sive Deus* como já dizia SPINOZA. Segundo o marxismo, a natureza, o mundo, possui os predicados que no cristianismo são reservados ao Absoluto: a suficiência ontológica, "ascitas", a eternidade, o poder criador.

De fato, o marxismo identifica a natureza com o Absoluto. Diviniza o mundo e a matéria.

Evidentemente, essas teses metafísicas são radicalmente incompatíveis com o cristianismo. Opõem-se às teorias fundamentais da metafísica cristã e judaica, para as quais o Absoluto se distingue ontologicamente do mundo.

O cristão repele as teorias fundamentais e constitutivas da ontologia marxista, não primariamente em nome de sua fé, mas da sua razão.

Não encontramos na razão, nem na experiência, nada que nos permita atribuir ao cosmos, à matéria, à evolução, os predicados de suficiência ontológica, de eternidade, que MARX e os marxistas pensam poder atribuir-lhes. É pura mitologia, uma tentativa irracional, anticientífica de querer divinizar o mundo e a natureza. O materialismo marxista é de fato um vergonhoso panteísmo.

O marxismo não é apenas uma economia política e ocultamente uma ontologia. É também uma filosofia da História. Nesta filosofia da História podemos distinguir elementos de várias origens.

Um deles é o elemento messiânico que se manifesta claramente no marxismo. Todo o Antigo Testamento está penetrado da idéia de que a humanidade prepara na sua história a realização de um objetivo que será o reino da justiça e da paz, onde não haverá nem oprimidos nem opressores, nem guerras, onde as espadas serão transformadas em arados, e onde o lobo e a ovelha viverão em paz.

Esta visão messiânica que fascinou os revolucionários pré-marxistas, principalmente os socialistas franceses que inspiraram a MARX, se encontra no marxismo. E neste ponto é impossível ao cristão criticá-lo.

O cristão também espera no fim da humanidade um reino de justiça e de paz. O marxismo retoma a parte puramente humana do messianismo judaico. O senso de justiça que inspira MARX e o marxismo, nos faz lembrar os grandes profetas de Israel, AMOS, ISAÍAS e JEREMIAS. Uma escatologia centrada sôbre a liberação do homem, a justiça, a abolição da exploração do homem pelo homem, é também parte integrante do marxismo, e parte positiva, conquanto incompleta, da escatologia cristã. Mas, o marxismo incorporou à filosofia da história outros elementos além dêsses tirados do judaísmo. Por intermédio de HEGEL, o marxismo assimilou e integrou elementos provenientes de antiquíssimas especulações gnósticas. A filosofia de HEGEL retomou certos temas gnósticos e teosóficos que se perpetuaram na história da filosofia ocidental, desde as origens cristãs, passando pela *kabala* judaica e JACOB BOEHME. O tema hegeliano da alienação (*Entfremdung; Entäusserung*) é um dêsses temas gnósticos. Pode ser encontrado em alguns sistemas gnósticos dos primeiros séculos da era cristã e, depois, no sistema maniqueu. O DEUS bom "alienou-se" num mundo mau. Um poder emanado do DEUS bom "exilou-se" no reino da matéria, prisioneiro do reino das trevas. Portanto, é necessário libertar estas centelhas prisioneiras da matéria a fim de fazê-las retornar à fonte divina.

Êste mesmo tema foi retomado na Kabala e nas filosofias do romantismo alemão. A natureza, segundo NOVALIS, é o espírito petrificado. Para HEGEL, a natureza é a alienação do Espírito, é o Espírito alienado. DEUS para se encarnar, se realizar, para tomar consciência de si, entrega-se a uma trágica aventura, se dilacera voluntariamente, se aliena de si mesmo, torna-se um outro, mesmo para si. HEGEL identifica a criação a uma alienação. Na sexta-feira santa, quando o Cristo na cruz grita — "Meu Deus, por que me abandonaste?" — a separação (*Die Entzweiung*) se consuma. Exatamente neste momento começa o processo de retôr-

no (a conversão neoplatônica). Depois de dividido, dilacerado, alienado, DEUS volta a êle mesmo, se recupera. A história do mundo é a trágica aventura na qual o absoluto se engendra, se realiza, toma consciência dêle mesmo. A cosmogonia é teogonia.

MARX inspirou-se nos temas que se encontram no *Phenomenologie de l'Esprit* e na *Philosophie de la Religion* de HEGEL. Êsses temas gnósticos e teosóficos tiveram, aliás, outra descendência horrível.

A filosofia hegeliana valoriza a guerra, faz da guerra o momento necessário à aventura do DEUS que se encarna na História. É inútil salientar o quanto são anticristãos êsses temas fundamentais da filosofia hegeliana.

Poucas filosofias são mais anticristãs do que a filosofia de HEGEL. A valorização trágica da guerra, necessária ao processo teogônico (a negatividade, diz HEGEL, não é alheia à essência divina, o mal é necessário à vida de DEUS; sem o mal, a vida de DEUS seria monótona platitude), esta valorização mítica e estética da tragédia e da guerra deu um fruto que foi o nazismo, que é também uma ideologia alimentada por temas teosóficos, como o provam estudos recentes. Tanto o antisemitismo como o paganismo básico do nazismo, a cosmogonia mitológica, foram inspirados em velhos temas gnósticos que os doutrinários do nazismo endossaram. O gôsto pela tragédia em HITLER, como em NERO, tem um caráter típico e doentio. A tragédia da história para a qual o Führer contribuiu, massacrando dezenas de milhares de homens, lhe dá satisfações estéticas e wagnerianas. Em HEGEL, encontramos os temas que prefiguram êsse pantragismo, êsse panteísmo trágico que fascinou tanto a alma alemã.

MARX e ENGELS perceberam o que havia de mítico na filosofia hegeliana da alienação. Chamam esta filosofia e os principais momentos que a caracterizam de uma "história de fantasmas". Mas, MARX e ENGELS tentaram transpor a dialética hegeliana, que define a gênese do processo teogônico, para o plano da realidade concreta, econômica e social. Nessa transposição ficou alguma coisa das origens gnósticas dos temas hegelianos. Evidentemente, para MARX e ENGELS

não se trata mais de momentos dialéticos em que o Absoluto se engendra de maneira trágica na história, mas, sim, de fenômenos econômicos. Tais fenômenos são pensados através de esquemas e categorias que conservam elementos de sua origem hegeliana, gnóstica, teogônica e mitológica. Tais elementos deixaram traços nítidos no marxismo.

A exploração do homem pelo homem é um fato concreto, incontestável. Mas no marxismo a luta de classes toma um valor e uma significação que supera de muito o que a experiência nos ensina. No marxismo a luta de classes é a transposição para o plano da história humana de um tema hegeliano. Para o marxismo, a luta de classes é a chave da história.

A luta entre as classes permitirá à humanidade atingir a maturidade, do mesmo modo que, na teosofia hegeliana, a guerra permite a DEUS se realizar na tortura e na tragédia.

A Igreja sempre suspeitou, e com razão, desses temas gnósticos e mitológicos que SANTO IRINEU já chamava de "mitologia trágica". A Igreja, evidentemente, condenou as teses básicas da filosofia hegeliana, no Concílio do Vaticano (*Constitutio de fide*). E desconfia da transposição feita por MARX. A doutrina da luta de classes de MARX contém uma carga mitológica extremamente dinâmica e eficaz, do ponto-de-vista revolucionário, mas vai muito além do que a experiência nos demonstra. Além disso, nos encaminha inevitavelmente a uma filosofia guerreira. A guerra é necessária (sob a forma da revolução) à libertação da humanidade. MARX era um violento. O marxismo é violento.

A Igreja está fundamentalmente ligada à paz, apesar das aparências que apresenta a história das nações que se dizem cristãs e que enchem os séculos com seus massacres. A Igreja, em si, está vinculada à paz, porque o DEUS cristão é um DEUS de paz, diametralmente oposto ao deus hegeliano, que é um deus de guerra e de tragédia.

Portanto, a Igreja desconfia de tudo que no marxismo faz lembrar as mitologias guerreiras que assomam no pensamento alemão, principalmente a HEGEL.

O cristão tem que estar de acôrdo com o marxista quanto aos objetivos, a saber: a justiça, a libertação do

homem, a paz, mas não pode deixar de examinar qual é realmente o fim último e supremo do homem. O cristão se sentirá sempre mal na presença do revolucionário marxista e este desconfiará sempre do cristão. O cristão está vinculado à justiça, em virtude da própria lei natural e da lei de DEUS. E está também ligado à paz, e não crê, nem pode crer, na violência. Seu mestre JESUS de Nazaré sempre recusou usar de violência.

Entretanto, poder-se-ia dizer que o cristão, recusando a violência revolucionária libertadora, faz o jôgo da violência constante do opressor. O cristão deve procurar um método revolucionário que seja tanto ou mais libertador que o método da violência e que, no entanto, seja pacífico e pacificador. É o caminho próprio, original, pouco explorado do cristianismo.

\* \* \*

Vamos agora examinar outro aspeto do marxismo, o que poderíamos chamar de humanismo marxista, a sua ética. O homem KARL MARX é, sob certos aspetos, admirável. Em vez de viver tranqüilamente como professor numa universidade alemã, com tôdas as honras, bem alimentado e bem pago, preferiu ocupar-se do proletariado oprimido na Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra, enfim, no mundo inteiro. Em 1840, na Europa, a exploração, a opressão do proletariado pelas classes possidentes era criminosa a um ponto que excede nossa capacidade de imaginação. A exploração de homens, mulheres, crianças, o trabalho de dia e de noite, as condições de vida, constituíam um quadro que pouco se diferenciava daquele que apresentava a escravatura na antiguidade pagã.

Ora, na Europa eram classes sociais que se diziam cristãs que cometiam, calma e industrialmente, este crime contra a humanidade.

MARX resolveu ocupar-se desta humanidade oprimida, esmagada por condições de trabalho e de vida desumanas. Como MOISÉS foi socorrer os hebreus oprimidos pela mão do faraó do Egito, MARX empenhou-se em libertar do cativo do capitalismo o proletariado oprimido.

Quem, entre os cristãos do século passado, viu tão claramente a extensão e a natureza do crime cometido contra o homem pelas nações e classes sociais ditas cristãs? Quem, entre os cristãos do século passado, se empenhou em pôr fim a êste crime, em libertar os irmãos oprimidos, explorados, aviltados, desumanizados?

Procurando muito, encontraremos alguns que podem ser contados nos dedos da mão. MARX, judeu, ateu, foi quem veio socorrer esta humanidade esmagada, explorada, oprimida, aviltada por um sistema econômico desumano. Por isso, o cristão deve saudar em MARX um dos grandes tipos, um dos mais admiráveis espécimes da humanidade. E o cristão devia meditar que, de fato, os primeiros a denunciarem êste crime cometido por uma sociedade dita cristã contra homens, mulheres, crianças, deviam ter sido êles, os próprios cristãos. Mas, esta lição nos foi dada por MARX, para a nossa vergonha.

Se MARX, e posteriormente o movimento revolucionário marxista, é ateu, é em parte porque MARX encontrou do lado dos opressores sociedades que se diziam cristãs e religiosas e que se utilizavam do cristianismo como uma arma, um álibi, um ópio para manter essa ordem injusta e criminosa e para preservar seus privilégios, pregando aos pobres a resignação. Enquanto os maridos exploravam os operários e acumulavam fortunas, as mulheres dedicavam-se às obras de caridade e davam esmolas aos que tinham sido reduzidos à miséria pelos maridos. O clero naquele tempo, como agora, não denunciou com bastante vigor a impostura dessa situação e a farsa a que ficou reduzido o cristianismo.

O cristianismo é pela paz, mas não é menos pela justiça. E as sociedades que oprimem e exploram são as menos indicadas para condenar os movimentos revolucionários que usam de uma violência transitória enquanto elas mesmas instauraram um regime de violência permanente, pelas condições criminosas de vida e de trabalho que mantêm à custa do exército e da polícia.

É preciso salientar que países e classes sociais ditas cristãs se utilizaram de tal modo do cristianismo que, hoje em dia, nações inteiras não sabem mais o que é o cristianismo.

Este foi desonrado, desfigurado, mascarado. E para todos os indianos, africanos, chineses massacrados, torturados, escravizados, humilhados, explorados, aos olhos de todos os proletários e subproletários do mundo, a máscara que foi imposta ao cristianismo é a marca da violência, da impostura, do dinheiro, da aliança entre o canhão e o banco. Como dizia o PE. HOUANG, foi o Ocidente que pregou o Evangelho, mas foi o Oriente que carregou a cruz. São incontáveis os crimes praticados pelas nações e sociedades ditas cristãs. O nome de DEUS foi desonrado entre as nações. Portanto, não há nada de extraordinário que os povos se afastem do DEUS que os cristãos lhes pregaram, enquanto cometiam todos êsses crimes. São os cristãos os principais culpados e responsáveis pelo ateísmo marxista, porque os cristãos desonraram o nome de DEUS pelos seus crimes. Enquanto os cristãos ignorarem êste fato fundamental, não haverá trégua nem solução para a oposição entre o mundo marxista, ateu, e o cristianismo.

A cristandade deve primeiro confessar humildemente seus pecados, seus crimes; depois, arrepender-se dêles e provar a sinceridade de seu arrependimento, nunca mais os cometendo e construindo uma ordem humana justa e fraterna. Só depois os cristãos poderão recriminar os marxistas por serem ateus, se é que então ainda existirão marxistas ateus. Por que a conversão dos cristãos ao cristianismo, como a conversão de Israel ao seu DEUS, não coincidirá de perto com a ressurreição final?

O cristão não é obrigado a confessar pecados dos outros, mas é obrigado a confessar os próprios. Os cristãos não são obrigados a acusar o marxismo e os marxistas, mas antes obrigados a examinar como foi possível que o marxismo tenha chegado a considerar o cristianismo como uma potência de opressão.

Entretanto, continua justa e necessária a preocupação de analisar as diferenças fundamentais que existem entre o humanismo marxista e o humanismo cristão. O humanismo marxista é milenarista. Crê em um reino de justiça, em um reino messiânico que deve realizar-se *neste mundo*. Considera a humanidade libertada das alienações econômicas como

a plenitude, o pleroma da história humana, como sua fase final.

Para o cristão, a criação presente prepara uma criação nova que é pròpriamente sobrenatural. Segundo o cristianismo, o homem é chamado a um destino sobrenatural, que é a participação na própria vida de DEUS. Vê-se que as duas perspectivas não se situam sôbre o mesmo plano, nem são da mesma ordem. O cristão pode compartilhar com o marxista a esperança humana que a êste anima, mas, o marxista não compartilha da esperança sobrenatural dos cristãos, que é o ponto de convergência de todo cristianismo. É possível fazer juntos um trecho da jornada, a jornada da construção temporal, sob a condição de que, na escolha dos meios, o marxista e o cristão possam chegar a um entendimento. Mas o cristão não pode deixar de considerar como uma mutilação esta redução do homem a um estado de pura natureza, qual a professada pelo marxismo, uma vez que, segundo o cristianismo, o homem é essencialmente um ser capaz de DEUS, um ser divinizável e portador de um destino sobrenatural.

\* \* \*

Estas observações preliminares permitem-me agora examinar as questões formuladas no início dêste artigo.

Sim, os cristãos têm algo a aprender do marxismo, do socialismo, dos marxistas, dos comunistas e dos socialistas.

Devem aprender dêles muitas vêzes virtudes humanas, valôres humanos de razão e de justiça que jamais deveriam ter deixado perder-se, mas que, de fato e freqüentemente, êles, os cristãos, como as sociedades e nações chamadas cristãs, abandonaram e perderam. Os não-cristãos podem ensinar aos cristãos muitas lições de virtude, de razão, de justiça sôbre valôres humanos do trabalho e da fraternidade. Nem há razão para um católico escandalizar-se com isso porque, do ponto-de-vista da teologia católica, as verdades da razão e as exigências da justiça são acessíveis a povos não judeus e não-cristãos, fora do povo de DEUS e da economia da revelação. É o que SÃO PAULO expõe no início da epístola aos Romanos. Os pagãos podem trazer ao cristão, ou levá-lo a recuperar, verdades que deitou a perder ou que não soube

descobrir primeiro. O marxismo levou os cristãos à redescoberta de valores humanos essenciais que as sociedades e nações chamadas cristãs e, às vezes, mesmo o ensino cristão, haviam negligenciado. Tais valores são claros: o sentido do trabalho humano, em particular do trabalho manual; o sentido da justiça e da coletividade. Não de raro os cristãos se contentaram com uma moral na qual o pecado individual ocupava todo o campo da consciência. Confessam um pecado de gulodice ou de sensualidade, mas toleram sem remorsos massacres, genocídios, a opressão do homem pelo homem, a injustiça industrial, as favelas, as guerras nacionalistas. O cristão também deve reaprender do marxismo o sentido e o valor da realidade material, física. Por vezes, em muitas consciências cristãs, o cristianismo se reduziu a vago platonismo. O marxismo, por sua violenta reação contra o idealismo, traz um contrapêso útil: de fato, os cristãos, o pensamento cristão, o sindicalismo cristão, o pensamento e a ação política cristã já aproveitaram muito do marxismo e dos marxistas.

Vê-se, assim, como de certo modo, se ousarmos dizê-lo, DEUS procede de maneira dialética. Quando a cristandade perde valores humanos e cristãos fundamentais, Ele suscita contra o cristianismo adversários que militam em nome desses mesmos valores perdidos ou negligenciados e anuncia de novo ao mundo, e aos cristãos em particular, essas parcelas perdidas da verdade e da justiça.

O que é inadmissível é uma concepção dualista e maniqueia nas relações entre cristianismo e marxismo. O mundo marxista não coincide totalmente com o reino das trevas, com o reino de satã. O marxismo não é total e inteiramente perverso. Nem tudo nêle é falso. Por outro lado, o mundo dito cristão, o Ocidente, não coincide com o reino da luz. Não é ainda a civilização cristã. As nações que se dizem cristãs admitem ainda o regime de escravidão industrial, o racismo, a exploração do homem pelo homem, as guerras nacionalistas, os massacres e a tortura. As relações entre cristianismo e marxismo são mais complexas do que pretendem os paladinos da luta anticomunista. Os cristãos têm muito que aprender e muito que receber, no plano dos valores humanos, dos

revolucionários marxistas, da revolução marxista, do mundo comunista.

Isto não significa, inversamente, que tudo seja luz nos arraiais comunistas. Destacamos as divergências fundamentais no plano filosófico e humano entre cristianismo e marxismo. O discernimento dessas divergências nos deve preservar de um progressismo simplista. Os cristãos têm muito que receber dos marxistas, mas êsses têm mais ainda que receber do cristianismo, o qual, em princípio, deve ser comunicado pelos cristãos aos seus irmãos marxistas.

Em qualquer hipótese, a guerra entre os dois campos não é uma solução cristã, mas uma solução pagã. O anti-comunismo sistemático e fanático é, o mais das vêzes no mundo, o álibi e o pretexto que mascara interêsses mais sordidos. Pretende-se defender a "civilização cristã" pela metralhadora e a bomba. Na realidade, defendem-se interêsses muito particulares. O cristianismo e o reino de DEUS não se defendem pela espada, a metralhadora e a bomba atômica, mas pela justiça, a verdade, a caridade fraterna, a inteligência e a paz. É historicamente compreensível que, em certas exigências marxistas, em certos valôres professados pelo marxismo, revivam alguns valôres evangélicos. Isto porque, em primeiro lugar, MARX vivia numa civilização penetrada de judaísmo e cristianismo e, porque, querendo ou não, os homens são impregnados dêstes valôres trazidos pelo cristianismo mesmo quando não os põem em prática. Além disso, como já o notamos acima, os valôres de justiça e de fraternidade humana são acessíveis pela razão a todo homem, mesmo àqueles que se encontram fora da revelação e da adesão ao judaísmo e cristianismo. Enfim, não está excluído que DEUS comunique seu Espírito a homens que, em princípio, estão fora da economia cristã. O Logos divino trabalha todo homem que vem a êste mundo, seja êle cristão ou não. O Espírito de DEUS sopra onde Êle quer. Um pagão pode muito bem dar a cristãos lições de caridade, pela sua vida e seu pensamento. A vida de MARX, tôda consagrada à libertação do proletariado, a vida de MARX, que conheceu anos de miséria intensa, na qual perdeu três filhos, é mais rica em caridade autenticamente vivida que a vida

de muitos cristãos. MARX e sua família viveram a pobreza em condições atrozes. Tôda a sua vida lutou por aquilo que pensava ser a justiça e a liberação do homem. Devemos inclinar-nos profundamente diante dêsse homem ateu e generoso.

Certamente a fidelidade ao cristianismo obriga o cristão a uma luta encarniçada contra a exploração do homem pelo homem, contra os sistemas econômicos injustos, inumanos e desumanizantes, contra tôdas as formas de desumanização. Não pode legitimamente concentrar-se na busca egoísta da perfeição individual, a qual só se pode realizar através de uma luta pela instauração da justiça e da paz sôbre a terra. Não se pode desinteressar pela vida política, e nem tôda política é compatível com o cristianismo. Qualquer política que conduz a desumanizar o homem, em qualquer ponto da terra, que conduz ao aviltamento, ao empobrecimento, à opressão, à exploração e, *a fortiori*, ao massacre, é incompatível com o cristianismo. Quando os cristãos fizerem uma política cristã, os revolucionários já não terão razão de ser anticristãos. Os cristãos devem renunciar a um platonismo que faz da religião uma evasão do mundo, um pretexto a tôdas as injustiças neste mundo, um álibi para os exploradores e opressores. Os cristãos devem estar presentes na primeira fila na luta pela justiça social, política e econômica, na luta contra o racismo, na luta à idolatria que faz da nação uma divindade. Todo cristão deve ter um largo sentido universal. A humanidade é una. As raças não são espécies diversas, mas variações superficiais da mesma espécie humana. A nação é uma realidade provisória, por vêzes útil e legítima, mas não é um absoluto. Também ela está sujeita às exigências da justiça.

O cristão deve sômente estar atento ao fato de que nem todos os meios na luta pela justiça são legítimos. Não deve esquecer que seu adversário, mesmo criminoso e injusto, é um homem chamado por DEUS a participar da vida divina em CRISTO JESUS. É aqui que haverá de marcar-se com mais nitidez a diferença entre o revolucionário cristão e o revolucionário não-cristão: o cristão ora por seus perseguidores. Êste é o paradoxo cristão e a nossa glória.